

Eleições 2018: Os pré-candidatos à Presidência e quais dificuldades têm de superar até a campanha

Fernanda Odilla

Da BBC Brasil em Londres

18 abril 2018



Reportagem atualizada no dia 8 de maio de 2018

Depois de meses de suspense e pressão, o ex-ministro do STF Joaquim Barbosa anunciou nesta terça-feira que não será candidato à presidência em 2018. Filiado ao PSB, Barbosa alegou razão "estritamente pessoal" para se retirar da disputa. Ele aparecia nas pesquisas eleitorais recentes com ao menos 11% das intenções de votos - preferência que agora será disputada pelos candidatos remanescentes. Oficialmente, são 17 até o momento, mas o cenário segue tão aberto que não se pode antecipar quais deles de fato estarão nas urnas em outubro.

No entanto, todos os que aparecem nas pesquisas de intenção de votos ou que já anunciaram a intenção de disputar o pleito têm importantes obstáculos a superar até o início da campanha, marcada para começar em agosto.

Pendências na Justiça, disputas partidárias internas, tempo escasso de propaganda no rádio e na televisão, alta rejeição ou falta de popularidade e impedimento para participar de debates são alguns dos desafios que os postulantes à Presidência e seus respectivos partidos precisam driblar.

- **Joaquim Barbosa: o ex-faxineiro que virou presidente do STF e pode sacudir as eleições**
- **Partidos brasileiros são mais do mesmo e poderiam ser reduzidos a 2, aponta pesquisa de Oxford**

As legendas trabalham com prazos cada vez mais curtos para atrair políticos, firmar alianças e lançar seus candidatos na tentativa de aumentar suas chances eleitorais. Uma mudança na legislação em 2015 reduziu de um ano para seis meses o prazo para filiação partidária de quem quer disputar a eleição. Isso significa que quem pretende concorrer deve se filiar a um partido político até o dia 7 de abril. O registro das candidaturas, por sua vez, deve ser feito até 15 de agosto.

Do total do tempo de propaganda, 90% são distribuídos proporcionalmente ao número de deputados federais eleitos por cada legenda em 2014 e o restante será distribuído igualmente. Para participar de debates na TV, por sua vez, o candidato precisa estar filiado a um partido com mais de cinco congressistas. Por isso, muitas bancadas apostaram na janela de 30 dias aberta em março para a troca de legenda de políticos que queiram se candidatar sem o risco da perda do mandato em curso.

A BBC Brasil listou obstáculos dos principais pré-candidatos e partidos que já anunciaram a intenção de lançar um nome à Presidência da República. Confira:

Lula (PT)

O ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva, de 72 anos, tem liderado os cenários para a eleição presidencial em 2018, mas pode ser impedido de disputar a eleição, uma vez que a segunda instância da Justiça federal manteve por unanimidade a condenação dele por corrupção e lavagem de dinheiro. Assim, a candidatura do petista pode ser barrada pela Lei da Ficha Limpa.

Além de ter sido condenado pelo Tribunal Regional Federal da 4ª região (TRF-4), que aumentou a sentença de 9 anos e seis meses para 12 anos e 1 mês, Lula teve a prisão decretada em abril porque o Supremo Tribunal Federal (STF) recusou, por 6 votos a 5, o pedido de *habeas corpus* do petista para que ficasse em liberdade até que se esgotassem todos os recursos.

Embora a situação do ex-presidente tenha se complicado muito após a derrota no STF, isso não significa que necessariamente ele cumprirá integralmente os 12 anos de pena na cadeia. Há três caminhos que podem resultar na soltura do petista: 1) sua defesa pode apresentar novos pedidos de *habeas corpus*; 2) o petista pode ter sua condenação anulada pelos tribunais superiores; 3) O STF pode rever seu posicionamento sobre a prisão após condenação em segunda instância para todos os réus do país, o que beneficiaria Lula.

Assim, se tentar concorrer à Presidência, Lula pode usar a campanha como estratégia de defesa das acusações que pesam contra ele. A defesa de Lula, que tenta reverter a condenação sob o argumento de que o ex-presidente é inocente e que não há provas contra ele, traça estratégias jurídicas para mantê-lo na disputa eleitoral por meio de diferentes recursos e pedidos de liminares.

LULA MARQUES/AGÊNCIA PT

Até o momento, o ex-presidente possui apenas uma condenação, mas ele é réu em outras seis ações penais, sob acusação de crimes como corrupção, lavagem de dinheiro e obstrução de Justiça.

Além das pendências judiciais, Lula também tem rejeição alta - segundo pesquisa Datafolha realizada entre 11 e 13 de abril, 36% disseram não votar nele de jeito nenhum. Menor, entretanto, que a do presidente Michel Temer, 64%, e o ex-presidente e senador Fernando Collor de Mello, com 41% de rejeição frente ao eleitorado.

Ainda assim, muitos integrantes da cúpula do PT veem em Lula a única opção para a disputa presidencial. Um plano B seria o ex-ministro da Educação e ex-prefeito de São Paulo Fernando Haddad, que já declarou ser uma "grande deselegância com Lula" se colocar como opção do partido para 2018. Outro nome cogitado pelo partido é o ex-ministro e ex-governador da Bahia Jaques Wagner.

O PT enfrenta dificuldades para se coligar e deve participar das eleições sem partidos aliados.

Lula nasceu em Pernambuco, mas construiu sua carreira política em São Paulo, inicialmente como sindicalista. Em 1986, foi eleito deputado federal por São Paulo para participar da Assembleia Nacional Constituinte. Foi eleito presidente em 2003, depois de ter disputado as presidenciais outras três vezes. Comandou o Brasil por dois mandatos e elegeu a sucessora, Dilma Rousseff, em 2010.

Jair Bolsonaro (PSL)

Segundo colocado nas pesquisas de intenção de votos, o deputado federal Jair Bolsonaro, de 63 anos, trocou de partido para disputar as presidenciais.

Bolsonaro, que estava filiado ao PSC, chegou a assinar a ficha de filiação do PEN (Partido Ecológico Nacional), que espera a homologação da Justiça Eleitoral para mudar o nome para Patriota - mudança feita a pedido do pré-candidato. Mas, em seguida, filiou-se ao PSL (Partido Social Liberal) para concorrer à Presidência da República.

FABIO RODRIGUES POZZEBOM/AGÊNCIA BRASIL

Como o PSL conta atualmente com uma bancada de 10 deputados, Bolsonaro vai poder participar de debates na televisão. Mas recursos de campanha ainda são vistos como um desafio para a candidatura de Bolsonaro. Os apoiadores do pré-candidato apostam na divulgação do número de uma conta para arrecadar doações na internet. O Tribunal Superior Eleitoral autorizou o uso de "vaquinha virtual" nessa eleição para arrecadar recursos de pessoas físicas - a doação de empresas permanece proibida.

Bolsonaro enfrenta ainda o desafio de fazer campanha com pouco tempo de propaganda oficial no rádio e na televisão.

O PSL, por exemplo, elegeu apenas dois deputados federais em 2014, número que é levado em conta na hora do cálculo sobre o tempo de TV na eleição presidencial. Pelas regras atuais, é pouco provável que o partido tenha mais que 15 segundos de cada bloco de 12 minutos e meio de propaganda (serão seis blocos por semana, durante 35 dias de campanha).

Bolsonaro tentaria contornar essa limitação usando redes sociais e contando com a produção espontânea de conteúdo de simpatizantes. O pré-candidato também vai precisar ainda mostrar a uma parcela do eleitorado que não é agressivo nem radical e que domina diferentes temas.

Militar da reserva e professor de educação física, Bolsonaro é deputado federal desde 1991 - tem sete mandatos por cinco partidos diferentes.

Geraldo Alckmin (PSDB)

O governador de São Paulo, Geraldo Alckmin, de 65 anos, assumiu em dezembro a presidência do PSDB para tentar apaziguar o partido, que se dividiu entre ficar ou sair da base do governo de Michel Temer.

Alckmin foi confirmado como o único postulante do PSDB, depois que o ex-senador e atual prefeito de Manaus Arthur Virgílio desistiu de participar das prévias para definir quem será o candidato tucano nas urnas. No fim de fevereiro, Virgílio criticou o correligionário paulista, a quem acusou de usar a máquina partidária para evitar a disputa, e anunciou que não vai fazer campanha para Alckmin.

O ex-prefeito de São Paulo, João Doria, era outro tucano que almejava a candidatura presidencial, mas acabou deixando o cargo para disputar o governo paulista. Muitos tucanos acreditam que ele "queimou a largada" ao fazer um giro pelo Brasil na tentativa de aumentar sua popularidade - ele ainda é considerado desconhecido no país e não conseguiu alavancar seu nome nas pesquisas.

ROVENA ROSA/AGÊNCIA BRASIL

Além das muitas disputas internas, Alckmin assumiu um PSDB desgastado pelas denúncias de corrupção contra integrantes do partido, em especial as que pesam contra o senador Aécio Neves, que disputou as eleições presidenciais em 2014. Alckmin também foi acusado de receber R\$ 10 milhões em quantias não declaradas da Odebrecht, o que nega.

O governador paulista, que deixará o cargo no Palácio dos Bandeirantes para fazer campanha, também não sabe se e quando contará com o apoio do DEM, aliado fiel de eleições anteriores. Coligada, a chapa PSDB-DEM teria, por exemplo, mais tempo de propaganda, mas o DEM lançou candidato próprio.

Alckmin já disputou as eleições presidenciais em 2006, quando perdeu para Lula no segundo turno.

Formado em Medicina, começou a carreira política como vereador e, depois, foi prefeito de Pindamonhangaba (SP), sua cidade natal. Em 1994, foi eleito vice-governador de São Paulo e acabou assumindo o governo com o agravamento do estado de saúde de Mário Covas em 2001. Perdeu a disputa pela prefeitura de São Paulo em 2008, mas voltou como governador em 2010 e foi reeleito em 2014.

Marina Silva (Rede)

Com duas eleições presidenciais no currículo, Marina Silva, de 60 anos, lançou oficialmente a candidatura em 2 de dezembro de 2017. A ex-senadora e ex-ministra do Meio Ambiente, contudo, deve ter somente 12 segundos de propaganda, e dificilmente a Rede vai se coligar com outros partidos para aumentar o tempo na televisão e no rádio.

Mas como a Rede perdeu dois deputados federais - Alessandro Molon (RJ) e Aliel Machado (PR) foram para o PSB -, o partido conta com uma bancada de apenas três congressistas e,

assim, não teria a garantia de participação de Marina nos debates. Caberia às emissoras a escolha de convidar ou não a candidata.

REDE SUSTENTABILIDADE

Marina enfrenta uma rejeição de 22%, segundo o Datafolha de abril, mas a pré-candidata da Rede é a que mais agrega votos de Lula e nos cenários em que o petista fica de fora da disputa.

Ela vai precisar também responder a críticas de ser omissa em momentos em que muitos aguardavam um posicionamento ou opiniões firmes sobre temas centrais ou disputas políticas e de ter declarado voto a Aécio Neves no segundo turno das eleições de 2014.

Avessa a embates e a ataques, a própria candidata avalia que será uma campanha extremamente agressiva.

Marina disputou as duas últimas eleições presidenciais, uma pelo PV e outra pelo PSB. Ela começou a carreira política no PT.

Ciro Gomes (PDT)

A candidatura presidencial do ex-ministro e ex-governador do Ceará, de 60 anos, foi confirmada em março de 2018 pelo PDT.

A falta de aliados para fortalecer a candidatura numa coligação formal é um obstáculo a ser enfrentado. O PDT negocia alianças com o PSB e o PCdoB. "São conversas que ainda estão em construção", disse Carlos Lupi, presidente do PDT, à BBC Brasil.

O estilo franco e impulsivo que há anos rende a ele a fama de "destemperado" pode ser um empecilho. "Todo mundo já teve uma palavra mal dita ou foi mal interpretado", pondera Lupi.

Ciro enfrenta uma rejeição de cerca de 23% do eleitorado, que, segundo o Datafolha de abril, diz não votar nele de jeito nenhum, e não decolou. A depender do cenário ele tem de 6% a 10% das intenções de voto.

Ciro Gomes já foi prefeito de Fortaleza, deputado estadual, deputado federal, governador do Ceará e ministro dos governos Itamar Franco (Fazenda) e Lula (Integração Nacional).

Ele já passou por sete partidos em 37 anos de vida pública. Giro já concorreu à Presidência duas vezes, em 1998 e em 2002.

Aldo Rebelo (Solidariedade)

MARCELO CAMARGO/AGÊNCIA BRASIL

Aldo Rebelo, de 62 anos, já foi presidente da Câmara e ministro dos governos de Lula e Dilma Rousseff - ele comandou a Secretaria de Coordenação Política e os ministérios de Relações Institucionais, Defesa, Esporte e Ciência e Tecnologia.

Para se candidatar, deixou o PCdoB, partido ao qual foi filiado por quase três décadas, para se juntar ao PSB.

Mas Aldo se opôs à entrada de Joaquim Barbosa no partido - a filiação do ex-ministro do STF rachou a legenda.

Acreditando estar sem espaço, Aldo se filiou ao Solidariedade que, em 16 de abril, lançou sua pré-candidatura à Presidência.

Natural de Alagoas, Aldo Rebelo foi líder estudantil. Formado em Direito, começou a carreira política em São Paulo, onde se elegeu vereador pelo PCdoB, na década de 1980. Em 1990, foi eleito deputado federal e representou São Paulo na Câmara por cinco mandatos consecutivos, sempre pelo PCdoB.

Manuela D'Ávila (PCdoB)

Ao anunciar a ex-deputada federal e atual deputada estadual no Rio Grande do Sul como pré-candidata, o PCdoB praticamente acabou com a possibilidade de o partido ser vice numa eventual chapa encabeçada por Lula.

Ao perderem o aliado, petistas classificaram a decisão do PCdoB como "erro histórico".

MARCELO BERTANI/AGÊNCIA ALRS

Manuela, de 36 anos, terá cerca de 20 segundos do tempo de propaganda e poderá participar de debates. Apesar de ter sido deputada federal por dois mandatos e líder do PCdoB da Câmara, Manuela não é um nome conhecido em todo o país. Conforme apontou o Datafolha de novembro, ela era conhecida por 24% do eleitorado.

Entre os obstáculos, provavelmente, também estará a dificuldade de desassociar a imagem do partido à do PT - em especial porque o PCdoB foi contra o impeachment da presidente Dilma Rousseff e muitos de seus filiados defendem Lula das acusações que pesam contra ele na Justiça.

Manuela é jornalista de formação e foi a vereadora mais jovem da história de Porto Alegre, eleita aos 23 anos. Em 2006, foi para a Câmara dos Deputados, onde ficou por dois mandatos. Concorreu à prefeitura da capital gaúcha duas vezes, sem sucesso. É deputada estadual desde 2014.

Álvaro Dias (Podemos)

O ex-tucano Álvaro Dias, de 73 anos, ganhou fama no Senado por ser um ferrenho crítico da gestão petista e integrante ativo de CPIs (Comissões Parlamentares de Inquérito).

No ano passado, ele trocou o PV pelo Podemos - antigo PTN - com a expectativa de se lançar candidato, mas ainda enfrenta o desafio de se tornar um nome mais conhecido nacionalmente, capaz de conseguir mais que os 4% de votos sinalizados pelas pesquisas.

Segundo o Datafolha de novembro, o senador era conhecido por 44% dos entrevistados, mas apenas 9% disseram que o conhecem muito bem.

ANTONIO CRUZ/AGÊNCIA BRASIL

Projeções iniciais indicam que ele teria 12 segundos no rádio e na televisão.

Álvaro Dias cursou História e está no quarto mandato consecutivo de senador. Já foi vereador, deputado estadual, deputado federal e governador do Paraná. É de uma tradicional família de políticos do Estado.

Rodrigo Maia (DEM)

O presidente da Câmara dos Deputados, Rodrigo Maia, de 47 anos, foi eleito deputado federal pela primeira vez em 1998, aproveitando da fama do pai, o deputado e ex-prefeito do Rio por três mandatos Cesar Maia. Em março deste ano, o DEM decidiu lançar o nome de Rodrigo Maia à Presidência, rompendo uma aliança histórica com o PSDB.

Desde 1989 o DEM não tinha um candidato próprio na disputa pela principal cadeira do Palácio do Planalto. Naquela eleição, Aureliano Chaves representou o extinto PFL. Em 2007, a legenda mudou de nome - passou a se chamar Democratas - e escolheu Rodrigo Maia para presidir e renovar o partido.

MARCELO CAMARGO/AGÊNCIA BRASIL

Ele se declara um liberal, mas tem bom trânsito com representantes da esquerda. Teria inclusive oferecido a vaga de vice-presidente numa eventual chapa encabeçada por ele ao ex-ministro e ex-deputado Aldo Rebelo, que já foi filiado ao PCdoB e hoje está no PSB.

Com cinco mandatos consecutivos como deputado federal no currículo, Rodrigo Maia começou a cursar economia na Faculdade Cândido Mendes, no Rio, mas, segundo o site da Câmara dos Deputados, não concluiu o curso.

Nos anos 1990, antes de começar na política como secretário de governo do então prefeito do Rio Luis Paulo Conde, ele trabalhou nos bancos BMG e Icatu.

Michel Temer (MDB)

Michel Temer assumiu a intenção de concorrer à presidência em março deste ano. Mas o caminho do emedebista até a reeleição é cercado de dificuldades: além de lidar com baixas taxas de aprovação de seu governo (4%, segundo pesquisa Ipsos de março), Temer enfrenta dificuldades para convencer caciques de partidos aliados do governo e do próprio MDB sobre a viabilidade de sua candidatura.

Reeleito vice-presidente na chapa de Dilma em 2014, Temer articulou politicamente pelo impeachment da petista em 2016, e assumiu a presidência depois do afastamento de Rousseff, em maio daquele ano.

AFP

Graduado em Direito pela Universidade de São Paulo (USP), Temer assumiu seu primeiro cargo em 1987, como deputado constituinte (ele tinha sido eleito suplente e assumiu graças à saída do titular). Depois disso, foi deputado federal por vários mandatos (de 1994 a 2010), e chegou a presidir a Câmara dos Deputados em dois momentos (1997-2001 e 2009-2010). Em 2011, Temer subiu a rampa do Planalto pela primeira vez como vice-presidente na chapa encabeçada por Dilma Rousseff (PT).

João Amoêdo (Novo)

O ex-banqueiro João Amoêdo, de 55 anos, se afastou da presidência do partido que ele próprio ajudou a criar em 2015 para ser lançado pré-candidato à Presidência. Pelas regras do Novo, candidatos não podem exercer funções partidárias nos últimos 15 meses antes da eleição.

Amoêdo não é um nome que desfruta de popularidade e tem viajado o país para fazer palestras na tentativa de se tornar mais conhecido.

PARTIDO NOVO/FACEBOOK

Novato em eleições gerais, o partido de Amoêdo conta com o apoio de profissionais liberais, de economistas que ocuparam cargos importantes no governo de FHC, como Gustavo Franco, e tem entre seus quadros o ex-treinador de vôlei Bernardinho. A legenda ainda tenta atrair tucanos descontentes que estão deixando o partido.

A maioria deles, contudo, é neófito das urnas.

Formado em Engenharia Civil e Administração, Amoêdo começou a carreira profissional trabalhando para bancos e chegou a ser vice-presidente do Unibanco e membro do conselho de administração do Itaú-BBA. Atualmente é sócio do Instituto de Estudos de Política Econômica/Casa das Garças.

Guilherme Boulos (PSOL)

Em março, o PSOL anunciou o nome do líder do Movimento dos Trabalhadores Sem Teto, Guilherme Boulos, de 36 anos, como candidato à Presidência. A chapa terá como candidata a vice-presidente a ativista indígena Sônia Guajajara, também do PSOL.

Para o deputado-federal Chico Alencar (PSOL-RJ), é mais fácil o partido se coligar com movimentos da sociedade civil organizada do que com partidos políticos. "Há um descrédito muito grande, as pessoas estão com nojo dos partidos", diz Alencar.

DIVULGAÇÃO

Boulos venceu a disputa interna no PSOL, que tinha como pré-candidatos os economistas Plínio de Arruda Sampaio Jr e Nildo Ouriques e Hamilton Assis, militante do movimento negro.

O PSOL avalia que o grande desafio será cumprir a cláusula de barreira que exige para 2018 1,5% dos votos em nove Estados para que as legendas continuem recebendo fundo partidário e tendo acesso a inserções no rádio e na televisão.

A legenda terá cerca de 13 segundos de propaganda eleitoral, mas vai conseguir participar dos debates por ter uma bancada com seis deputados.

Professor e escritor, Guilherme Boulos é formado em Filosofia pela USP, tem especialização em Psicologia Clínica pela PUC-SP e mestrado em Psiquiatria pela USP. É membro da coordenação do Movimento dos Trabalhadores Sem Teto, movimento no qual milita há 16 anos, e da Frente Povo Sem Medo.

Flávio Rocha (PRB)

O empresário Flávio Rocha, de 60 anos, dono da rede de lojas de vestuário Riachuelo, anunciou em março que pretende disputar a Presidência. Rocha, contudo, não é um neófito na política. Ele foi deputado constituinte pelo PFL. Depois da promulgação da Constituição, em 1988, foi reeleito deputado federal pelo PRN e, em seguida, se filiou ao PL.

Em 1994, ele tentou ser presidente do Brasil. Mas, depois que uma reportagem do jornal Folha de S.Paulo revelou um suposto esquema fraudulento de doação para a campanha de Rocha, o PL o forçou a abandonar a disputa eleitoral. Rocha sempre negou participação e diz que ninguém nunca provou que ele se beneficiaria do esquema.

AGÊNCIA PRB NACIONAL

Rocha não voltou a disputar nenhum cargo público, mas teve o nome cogitado para representar o Rio Grande do Norte no Senado em duas ocasiões distintas.

Em março, ele se filiou ao PRB, que tem fortes ligações com a Igreja Universal do Reino de Deus, para disputar as eleições presidenciais. Antes, lançou um movimento de empresários para defender propostas liberais na economia e conservadoras nos costumes.

O empresário anunciou que vai deixar a vice-presidência e a diretoria de relações com investidores do Grupo Guararapes, dono da rede de lojas Riachuelo, para disputar a Presidência. Ainda é, contudo, considerado um nome desconhecido entre os eleitores.

Paulo Rabello de Castro (PSC)

Recém-filiado ao PSC, Paulo Rabello de Castro, de 69 anos, foi lançado candidato presidencial em novembro e deixou o cargo de presidente do Banco Nacional do Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES) no mês passado para disputar a eleição.

Ele ficou quase dez meses no BNDES, onde entrou para substituir a economista Maria Sílvia Bastos Marques.

TÂNIA RÊGO/AGÊNCIA BRASIL

Nome desconhecido de grande parte do eleitorado, Rabello de Castro contabiliza apenas 1% nas pesquisas de intenção de voto. Além de incrementar a popularidade do candidato, o PSC pode precisar conter uma migração em massa de sua bancada para outras legendas.

Antes de assumir o BNDES, ele havia sido indicado por Michel Temer para presidir o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

Formado em Economia e em Direito, é fundador da primeira empresa brasileira de classificação de riscos de crédito do país.

Henrique Meirelles (MDB)

Para tentar se viabilizar como pré-candidato, o ministro da Fazenda, Henrique Meirelles, de 72 anos, anunciou que deixaria o cargo no início de abril e trocaria o PSD pelo MDB (ex-PMDB).

Para se viabilizar como candidato, ele ainda busca o apoio declarado de Michel Temer, que ainda não descartou a possibilidade de ele próprio tentar se reeleger presidente. Meirelles também corteja partidos do centrão como PP e PR para uma possível candidatura.

Mas a popularidade de Meirelles ainda é um obstáculo a ser superado. O ministro, apontou o Datafolha em novembro, era conhecido por 48% do eleitorado, mas só 9% disseram conhecê-lo muito bem.

FABIO RODRIGUES POZZEBOM/AGÊNCIA BRASIL

A trajetória profissional de Meirelles está ligada à área financeira internacional. Antes de ser presidente do Banco Central, entre 2003 e 2011, no governo Lula, foi o principal executivo do BankBoston. Antes de assumir a Fazenda, Meirelles atuou por quatro anos como presidente do conselho de administração da J&F Investimentos, holding criada pela família Batista e controladora da JBS.

Fernando Collor de Mello (PTC)

O ex-presidente do Brasil e atual senador por Alagoas, Fernando Collor de Mello (PTC), de 68 anos, anunciou em janeiro que é pré-candidato à Presidência da República. Os planos de Collor foram anunciados durante inauguração do diretório regional do PTC em Arapiraca, cidade alagoana distante 130 km de Maceió.

"Tenho uma vantagem em relação a alguns candidatos porque já presidi o país. Meu partido todos conhecem, sabem o modo como eu penso e ajo para atingir os objetivos que a população deseja para a melhoria de sua qualidade de vida", disse em entrevista à rádio 96 FM, de Arapiraca (AL).

O nome de Collor, contudo, já enfrenta rejeição alta.

O Partido Trabalhista Cristão (PTC) é o antigo Partido da Reconstrução Nacional (PRN), que elegeu Collor ao Planalto em 1989. Ele já foi presidente do país entre 1990 e 1992, quando se tornou o primeiro presidente eleito pelo voto popular a sofrer impeachment. Em seu lugar assumiu o então vice, Itamar Franco.

Ele está no segundo mandato como senador.

EDILSON RODRIGUES/AGÊNCIA SENADO

Vera Lúcia (PSTU)

A sapateira Vera Lúcia, de 50 anos, foi lançada como cabeça da chapa presidencial do PSTU, que deverá ter como vice o professor Hertz Dias, da rede pública do Maranhão.

Ela é ativista sindical em Sergipe e ex-militante petista. Vera Lúcia ajudou a fundar o PSTU com outros filiados do PT, depois que foram expulsos em 1992.

Estão cotados também para participar da disputa os nomes do senador **Cristovam Buarque (PPS)**, que foi candidato presidencial em 2006, do filho do ex-presidente João Goulart, **João Vicente Goulart (PPL)**. Há ainda nomes como o de **Levy Fidelix (PRTB)** que foi candidato em 2010 e em 2014 e deve disputar o pleito novamente.

Reportagem publicada originalmente em dezembro de 2017 e atualizada em 8 de maio de 2018.

Tópicos relacionados

[Brasil](#)[Política](#)[Michel Temer](#)

Compartilhar

[Sobre compartilhar](#)[Voltar ao topo](#)

Notícias relacionadas

Exclusivo: investigação revela exército de perfis falsos usados para influenciar eleições no Brasil

8 dezembro 2017

Reforma política: o que muda e o que continuará igual para as eleições de 2018

7 outubro 2017

Principais notícias

Como a crise da Venezuela influencia as campanhas presidenciais na Colômbia, no México e no Brasil

Problemas econômicos, sociais e políticos venezuelanos extrapolam fronteiras e se refletem em processos eleitorais pela América Latina.

20 maio 2018

Brasil almeja eliminar hepatite C, que causa 400 mil mortes ao ano no mundo

19 maio 2018

Seis maneiras de aumentar suas chances de ter uma boa noite de sono

19 maio 2018



Anúncios do Google

Anúncios



Introdução À Mineração de Dados

-...

R\$ 58,90 A quantidade de dados gerada atualmente tem extrapolado a capacidade humana de...

Livraria Saraiva

70 Mega Por R\$ 49,00

Ganhe o Dobro de Internet e Aproveite Banda Larga Líder em Ultravelocidade
net-combo-ja.com/70Mega

Doutorados Online FUNIBE

Fazer um doutorado online é mais fácil que nunca, estamos perto de você
Funiber

Software Jurídico Astrea

Mais de 10 mil advogados já usam e recomendam. Experimente grátis!
Astrea

Navegação na BBC

[News](#)[Sport](#)[Weather](#)[Radio](#)[Termos de uso](#)[Sobre a BBC](#)[Privacidade](#)[Cookies](#)[Accessibility Help](#)[Parental Guidance](#)[Contate a BBC](#)[Get Personalised Newsletters](#)[Anuncie na BBC](#)[Opções para propagandas](#)

Copyright © 2018 BBC. A BBC não se responsabiliza pelo conteúdo de outros sites. [Leia mais sobre nossa política para links externos](#)